

1.2. COMUNICAÇÃO**A CARTOGRAFIA NO ENSINO SUPERIOR DE GEOGRAFIA:
DESAFIOS E POSSIBILIDADES**

GISELE GIRARDI

Universidade Federal do Espírito Santo - Brasil

g.girardi@uol.com.br

O despreparo dos geógrafos em lidar com mapas, particularmente no Brasil, vem acarretando distorções no seu uso como meio de comunicação de resultados de pesquisa ou mesmo como etapa metodológica. Hoje várias teorias são formuladas no âmbito da Geografia, várias teorias e técnicas de produção e uso de mapas são formuladas no âmbito da Cartografia e, no lugar onde esses campos deveriam se conectar, que é o ambiente dos cursos de formação de geógrafos, isso não se efetiva. Dessa forma torna-se urgente refletir o papel do mapa na construção do raciocínio espacial e assim poder repensar o conteúdo das disciplinas de Cartografia nos cursos de geografia, cujas demandas, atualmente, vão de alfabetização cartográfica às geotecnologias. Um dos enfoques que tem sido dado a essa questão na Cartografia Contemporânea é o campo genericamente denominado "Linguagem cartográfica", amplamente pautado na correspondência da estrutura do mapa com a estrutura lingüística. Porém a riqueza da discussão da comunicação humana se dilui nas tentativas de elaboração de uma linguagem cartográfica, pois estas levam em consideração apenas aspectos técnicos da confecção de mapas. Nossa pesquisa, realizada no curso de Mestrado na Universidade de São Paulo-Brasil buscou contribuir com um caminho para a superação dessa situação. Nela partimos da discussão da linguagem cartográfica para a descoberta da mitologia cartográfica. A leitura do mito cartográfico compõem-se da elucidação do significante do mito, ou seja, para poder ler, através do mapa, a sociedade que o produz e o consome, os valores que estão em jogo e, conseqüentemente, o poder da representação é preciso que se identifique, em primeiro lugar, os componentes da imagem literal ou denotada, os seja, os aspectos icônicos e lingüísticos e a maneira como são articulados no "discurso" ou, em outras palavras, compreender o seu sentido. Posteriormente perceber sua intenção, suas conotações possíveis, sua retórica, que poderá dizer a quem, para que e em que contexto está a significação desta representação, ou, perceber o mito que propaga. Esse procedimento analítico foi aplicado a vários tipos de mapas. Pudemos perceber que é possível, por meio desse encaminhamento, quebrar a crença na neutralidade do mapa, de qualquer mapa. Nenhum mapa escapa ao mito. Mas são mitos de diferentes matizes. As conclusões a que pudemos chegar por meio dessa pesquisa pautam-se na necessidade da descoberta de procedimentos de desmistificação da imagem cartográfica, de reafirmação do mapa antes de mais nada como um discurso, menos como técnica, ainda que esse seja um de seus fortes apelos. Instrumentalizar os graduandos em Geografia na leitura do mapa como representação de formas de ver o mundo, social, cultural e historicamente construídas, ou seja, capacitá-los a ler criticamente mapas como o fazem com textos, pode vir a ser a via da reaproximação desses dois campos do conhecimento, valorizando a imagem na construção da ciência geográfica.

Palavras-chave: ensino de cartografia, linguagem cartográfica, graduação.